



Resenha da obra “Ciência: Formas de conhecimento – arte e ciência. Uma visão partir da complexidade (Vol. 2)”, de Jorge Albuquerque Vieira.

Por Prof. Ms. Moacir Carnelós Filho (moacir.carnelos@gmail.com)

Jorge Vieira é professor nos Programas de Estudos Pós-Graduados em **Comunicação e Semiótica** e **Tecnologias da Inteligência e Design Digital** da PUC-SP. Trabalhou como astrofísico no Departamento de Astronomia e Observatório do Valongo da UFRJ, por aproximadamente 30 anos. Na Apresentação, pelo próprio autor, há uma retomada da sua trajetória acadêmica, pontuada pelos capítulos do livro. O Prefácio de Lucia Santaella, além de uma belíssima descrição do autor, também é um agradável incentivo para aqueles que já não enxergam mais as artificiais fronteiras entre arte, ciência e filosofia.

Jorge Vieira persegue, há tempos, uma Teoria da Complexidade. Cientista cauteloso, não define, nem limita o que seria tal teoria. Apenas indica caminhos, de bases sólidas, para uma compreensão do mundo que nos cerca. Este livro trata de forma ousada e natural alguns conceitos básicos, como realidade, representação e sociedade. Já no primeiro capítulo “O Significado da Astronomia como Ciência Observacional”, Vieira nos apresenta uma classificação das ciências, destacando a Astronomia. Entretanto, para um leitor mais cuidadoso, pode-se facilmente perceber similaridades metodológicas entre essa ciência e outras. O livro sempre transmitirá esse caráter generalista, de um princípio básico que norteia as ciências.

No segundo capítulo, “Função de Autocorrelação e Gramática”, há uma exposição dos conceitos básicos sobre as séries temporais, matéria-prima para cientistas de várias ordens. Neste, fica claro que, analisar e modelar uma série de dados é o exercício de um texto complexo, com uma gramática própria. “Caos e Semiótica” é o título do terceiro capítulo que mapeia os sistemas não lineares e apresenta uma representação adequada destes sistemas. O diagnóstico de caos determinista é um roteiro dentro deste capítulo, que orienta e alerta para uma correta análise de séries de dados, evitando uma confusão entre caos e processos estocásticos simples. A Semiótica é uma ferramenta que aparece neste e em outros capítulos, sempre com a solicitação de cuidado ao se adotar um caminho pouco explorado, mas nem por isso a ser evitado.

A definição detalhada do que é um sistema e as ferramentas para medidas de sua organização são dadas no quarto capítulo, “Quantificação de Organização em Sistemas Naturais”. Como um relâmpago que, tanto ilumina, quanto assusta, o texto revela um segredinho da realidade: pedras, pessoas, nuvens, galáxias, todos são sistemas de objetos, que se comunicam através de sistemas de signos.

Quais seriam as estruturas de sociedades humanas? No último capítulo, “Sistemas Psicossociais”, há uma pausa no rigor matemático que permeia os anteriores, mas que solicitam ao leitor uma profunda análise do seu próprio contexto. Não é demais correlacionar as percepções de Vieira sobre as sociedades agônicas, descritas como sistemas bastante vulneráveis às crises externas, como podemos perceber com as atuais crises ambientais e econômicas. Sistemas procuram permanecer no ambiente, enfatiza o autor.

Este livro é de especial interesse aos cientistas que se ajustam mais à definição de “naturalistas”, observadores sem preconceitos, abertos à diversidade e que se opõem à “megeira cartesiana” roseana. É também de Guimarães Rosa um possível

resumo da mensagem de Jorge Vieira: "*Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas*".

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. (2007) **Ciência: Formas de conhecimento – arte e ciência. Uma visão partir da complexidade (Vol. 2)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.

